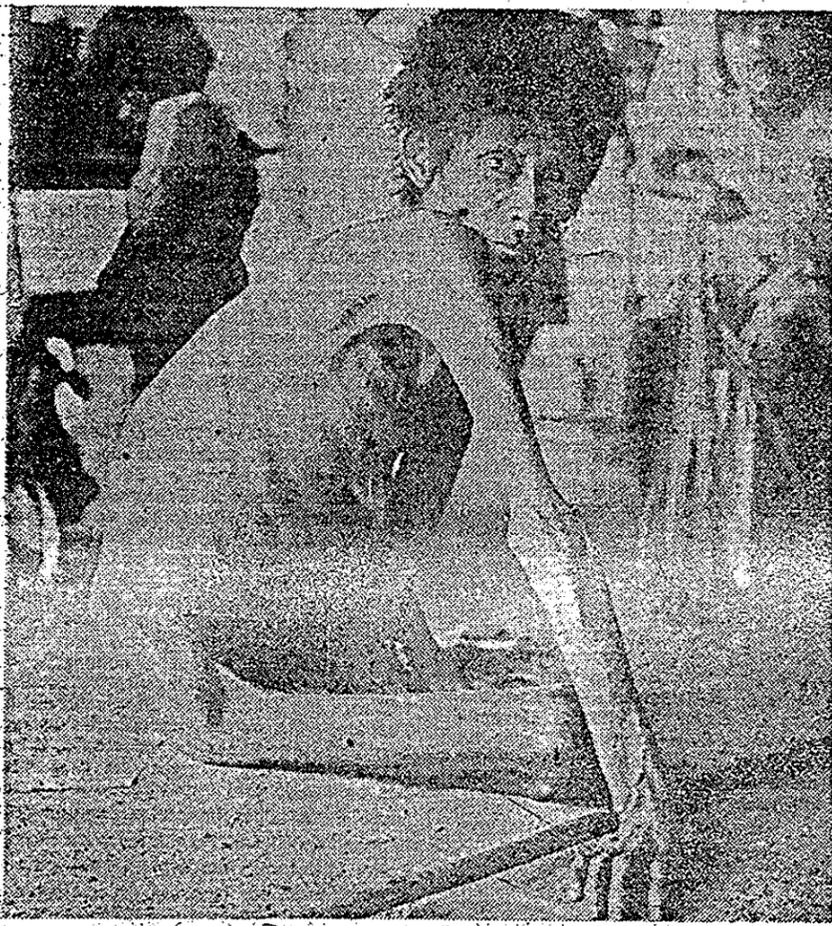


*Os guerreiros já não cantam mais - I*



ESPANTO E SOLIDÃO

A velha índia dos Pataxí esperou até a morte a prometida "proteção"

CM 67.9.16/19/11

**Índio roubado é rotina no Brasil**

Gontran da Veiga Jardim

O escândalo que estoura agora, de desvio de verbas no Serviço de Proteção aos Índios, é o resultado de um longo processo de deterioração moral e administrativa. Há poucos dias, o coronel Castro, da PM do Paraná, deixava a direção do Serviço, alegando dificuldades insuperáveis, inclusive o não recebimento ainda, nesta altura do ano, da verba destinada no Orçamento ao SPI. Índio sempre foi cobaia no Brasil e hoje é uma raça que vai perdendo a sua fisionomia própria, com o auxílio da indiferença criminosa e inépcia oficiais. O homem do campo, o pobre, miserável e analfabeto caipira, já foi ridicularizado. O índio também teve a sua vez. Mas ele, o desgraçado índio, não quer apito — como afirmou certa marchinha de carnaval, — mas respeito, amor, compreensão, assistência efetiva e, o que é mais importante, distância dos brancos "civilizados", que levaram até as tribos as doenças e os vícios.

O panorama hoje em dia é muito complexo, pois o silvícola brasileiro se encontra, infelizmente, em vários estágios de cultura. Nada disso lhe proporcionou benefícios. O índio nunca deveria ter sido afastado do seu mundo. Quando isto acontece, ele paga caro. Na cidade grande, não passa de um animal exótico, que atrai a curiosidade das multidões indiferentes. Há que mudar essa política indigenista do Brasil. Que se dê completa assistência ao nosso índio, mas será sempre em seu benefício, nunca afastá-lo de suas terras. Lá eles são os donos das glebas — a Constituição lhes assegura esse direito, — embora a espoliação, as doenças e o roubo já tenham dizimado tribos inteiras. Mas o que resta dessa pobre e desgraçada gente tem de ser preservado, sob pena de ficarmos, nós brasileiros, na história como monstros, despidos de qualquer tipo de sensibilidade. Se o índio hoje precisa dos brancos, isso se deve ao próprio branco, que o fez fraco e doente, contaminando o desarmado silvícola de toda a espécie de males e infecções. Vamos por etapas.

TUBERCULOSE

Os especialistas e historiadores são categóricos e unânimes na seguinte afirmação: os índios brasileiros não conheciam a tuberculose, que foi trazida pelos primeiros colonizadores, entre eles os missionários religiosos, que vinham atraídos pelas descrições dos primitivos cronistas, segundo as quais "há terra em sy hee de muyto boos aares" (Pero Vaz Caminha).

Em sua obra A Luta Contra a Tuberculose no Brasil, a que modestamente dá a definição de "apontamentos para a sua história", o cientista brasileiro Lourival Ribeiro da Silva, hoje redator-responsável da Revista do Serviço Nacional de Tuberculose, nos ensina que "a beleza e salubridade dos céus e ares brasileiros, a que o cronista imaginoso deu colorido especial, impressionaram outros povos, que rapidamente acorreram para cá. Em pouco chegaram aqui, ao lado dos colonizadores, comerciantes inescrupulosos, doentes, piratas e aventureiros. E com eles as moléstias. Entre elas, a tuberculose".

Diz ainda Lourival Ribeiro: "O padre Manoel da Nóbrega, certamente reconhecido pelos benefícios que colheu para sua saúde, transitou, em 1549, a seu mestre de Coimbra, dr. Navarro, suas impressões favoráveis, em que revelou ânimo forte e a indeclinável admiração pelo novo Continente", citando a mensagem de Nóbrega: "É muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mul grandes as fadigas, e mudando a alimentação com que se nutram, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam."

Nóbrega, que morreu aos 53 anos, dos quais 21 passados no Brasil, já veio

para a colônia tuberculosa e se durou tanto isto se deveu aos "bons ares" da nova terra. Recorramos mais uma vez a Lourival Ribeiro: "Assim como Nóbrega, outros jesuítas depuseram favoravelmente à salubridade da terra.

Destarte, estimulavam a vinda de colaboradores na empresa sem par e apontavam aos irmãos enfraquecidos os meios de recobrar a saúde. Vale lembrar a carta em que Anchieta, que se retemperou no novo solo, instou com os irmãos doentes em Coimbra: a virem para o Brasil." A carta a que se refere o cientista é de 1554.

No seu livro, editado em 1956 e que é, no gênero, o único que se escreveu no País, Lourival Ribeiro, com a sua autoridade de fisiologista de renome internacional, nos conta: "Acreditam autorizados pesquisadores do problema que o mal tenha sido trazido pelos colonizadores portugueses, tendo em vista que a doença se fez sentir com mais frequência nas cidades litorâneas e que era rara entre os índios, tanto assim que, na época atual, ainda os Caraós, Tembés e Pariris oferecem resistência à tuberculose." E continua:

"Não é sem propósito colocar Nóbrega entre os primeiros tuberculosos vindos para o Brasil, o qual, por força de sua nobre missão, há de ter disseminado, com abundância, o bacilo de Koch entre os índios. Não se pode fugir à verdade histórica: o grande jesuíta foi vítima da tuberculose e, sem o saber, infectou numerosos silvícolas na ação evangelizadora. Involuntariamente, com a mesma palavra que apontava o caminho da redenção, veiculava o germe da morte!"

Diversos membros da Companhia de Jesus chegaram ao Brasil já sofrendo de tuberculose, uns em adiantado estado de contaminação, bacilíferos; outros, ainda passíveis de cura, mas de certo modo condenados pela escassez de medicamentos e métodos eficazes de tratamento. Um fato é incontestável: os índios brasileiros eram sadios e longevos. É o que nos diz o jesuíta Fernão Cardim, nascido no Alentejo e morto na Bahia, no seu *Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil e Seus Costumes, Adoração e Cerimônias*:

"O clima do Brasil geralmente é temperado de bons, delicados e salubres ares, donde os homens vivem muito, até noventa, cento e mais anos e a terra é cheia de velhos". Nos *Diálogos das Grandezas do Brasil*, Brandão tem a mesma opinião: "Acham-se muitos índios por toda esta Costa do Brasil, que têm de idade mais de cem anos, e eu conheço alguns destes, aos quais não falta dente na boca, e gozam de suas perfeitas forças, com terem três ou quatro mulheres, as quais conhecem carnalmente e me afirmam não haverem sido, em todo o decurso da vida, doentes; e, assim, geralmente, todo esse gentio é muito bem disposto, do que tudo é causa os bons céus e o bom temperamento da terra".

No século 16, a tuberculose foi o mais trágico imigrante em terras do Brasil, e daqui não mais saiu até hoje. Com ela vieram outras doenças. Tribos inteiras foram arrasadas. E o pobre índio, que a canção cafaísta diz só "querer apito, se não der pau vai comer", de guerreiro altivo transformou-se em escravo e presa fácil dos brancos "civilizados". É um patrimônio cultural que ao Governo cumpre preservar, sob pena de sua extinção completa. Existe um Serviço de Proteção aos Índios, antes subordinado ao Ministério da Agricultura, mas hoje ligado ao Ministério do Interior. Sua história está cheia de heroísmos, mas também de ocorrências lamentáveis. Chegaremos lá.

Despojados de tudo, de suas terras, de sua caça, de seus pássaros, de seus elementos naturais, de sua saúde e de sua alegria ingênua e pura de viver, os antigos guerreiros, os antigos donos das terras, já não cantam mais e trazem no rosto sofrido apenas o espanto do bicho que caiu numa armadilha.